

invertendo as determinações imperiosas da Vida.

Piratininga está, pois, preparando o coração de seus filhos e das suas arcas ricas e generosas se derramará muito pão espiritual para os celeiros empobrecidos.

Dos empórios da sua grandeza, sairam no passado as bandeiras civilizadoras, rasgando o coração das selvas compactas e, na atualidade, novas bandeiras sairão, rompendo o cipóal da descrença em que os homens se emaranharam, para dizer a palavra da verdade e do amor. As suas armas de agora serão os ensinos do Evangelho, e o seu objetivo, a descoberta do filão do ouro espiritual.

Um jubilo inexprimível entorna-se do meu coração, dirigindo aos paulistas a minha palavra inexpressiva da tribuna da Morte e tomado de orgulhosa alegria, posso hoje exclamar:

— “Eu te agredeço, oh! Senhor! tão preciosos favores, porque, graças á tua bondade, pude hoje falar com S. Paulo, no momento em que ele se entregava com valoroso desassombro á obra da immortalidade, que é a obra do Evangelho !...”

18 de agosto de 1935.

CORAÇÃO DE MÃE

Dolorosa e comovedora é a carta dessa mulher maranhense que te chegou ás mãos, trazida sob as asas de um avião trepidante e ruidoso.

Mãe desesperada, apela para os sentimentos de paternidade, que não me abandonaram no tumulo, e grita aflativamente, como se as suas letras tremidas fossem vestígios arroxeados do sangue do seu coração:

“Eu peço a Humberto de Campos que, mesmo do Além, salve o meu filho! Ele que não se esqueceu dos que deixou na Terra não pode negar uma esmola á minha alma de mãe extremosa !...”

E me lembro comovido dos apelos que me eram dirigidos pelos sofredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dor, entre as águas pesadas do oceano da Morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher sofredora da terra que foi minha a certeza de que o seu filho é uma criatura predileta dos deuses. Tudo faria para imitar aquelas mãos ternas e misericordiosas que descansaram sobre a fronte abatida do orfão da viúva de Naim, ressuscitando para um coração maravilhoso de

Mãe as energias do filho que padece sob as provações mais penosas.

A Morte, porém, não afasta do nosso caminho a visão estranha da fatalidade e do destino. Ha um determinismo no cenário das nossas existências, criado por nós mesmos. O mal, com o seu cortejo de horrores, não está dentro dessa corrente impetuosa e irrefreável, mas todos os seus élos são formados pelos sofrimentos.

Os homens de barro têm de batalhar a vida inteira, repelindo o Crime e o Pecado, mas inevitavelmente andarão atolados no pantanal da Dor e da Morte.

O que mais me pungia, depois de haver perquirido as lições dos sabios daí, era a inutilidade dos seus argumentos, ante as determinações irrevogáveis do destino. Após haver atravessado as estradas da ignorância desprestenciosa, no limiar do imenso palácio das experiências alheias, presumia encontrar a solução dos enigmas que confundem o cérebro humano. Mas, em todas achei o mesmo tormento, as mesmas ansiedades angustiosas.

Frente à frente do pulso inflexível da Morte, toda a ciência do mundo é de uma insignificância irremediável. Nesse particular, todo o portentoso edifício da filosofia de Pitágoras não valia mais que as extravagantes teorias doutrinárias propaladas no mundo.

Todos quantos laboram em favor do homem da terra esbarram nos muros indevassaveis da Sombra. O Cristo foi o único que espalhou, na masmorra da carne, uma claridade suave, porque não se dirigiu à criatura terrena, mas à criatura espiritual.

Assombrava-me o espetáculo pavoroso do mundo, onde as leis, liberalíssimas para a aristocracia do ouro e severa em face dos infelizes que palmilham o caminho espinhoso com os pés descalços e feridos, refletem o carácter humano com os seus incorrigíveis defeitos.

E, despertando de longos pesadelos na porta de claridade da sepultura, a minha primeira inquirição, com respeito aos problemas que me atormentavam, foi uma pergunta dolorosa acerca dos contrastes amargos do mundo. Ainda aqui, porém, os genios carinhosos da Sabedoria abençoam e sorriem aos que os interpelam, porque a decifração dos enigmas das nossas existências está em nós próprios. Apezar do destino inflexível, ha uma força em nós que dele independe, como origem de todas as nossas ações e pensamentos. Somos obreiros da trama caprichosa das nossas próprias vidas. As mãos que hoje cortam as felicidades alheias amanhã se recolherão, como galhos ressequidos, nas frondes verdes da Vida. As iniquidades de um Herodes podem desaparecer sob o manto de

renuncias de um Vicente de Paulo. O sensuallismo de Madalena foi expurgado nos prantos amargosos da expiação e do arredendimento. Quando pudermos ver o passado em todo o seu desdobramento, depois de contemplarmos a Messalina na sua noite de regalados prazeres, ve-la-emos de novo, arrastando-se nas margens do Tibre, enfiada num vestido horripilante de negras monstruosidades.

Faltou-me na vida terrena semelhante compreensão, para entender a Verdade.

Que essa pobre mãe maranhense considere esses realismos que nos edificam e nos salvam.

E, como um anjo de Dor á cabeceira do seu filho, eleve o seu apêlo ao coração augusto d'Aquele que remove as montanhas com o sôpro suave do seu amor. Sua oração subirá ao Infinito, como um calice de perfume, derramado ao clarão das estrelas que enfeitam o trono invisível do Altíssimo e, certamente, os anjos da Piedade e da Doçura levarão a sua prece, como candida oferta da sua alma sofredora, á magnanimidade daquela que foi a Rosa Mística de Nazareth. Então, nesse momento, talvez que o coração angustiado de mãe que chora na Terra se illumine a uma claridade estranha e misericordiosa. Seu lar desditoso e humilde será por instantes um altar dessa luz invisível para os olhos mortais. Duas mãos de nevoa translúcida poustarão como assucenas sobre a

sua alma oprimida e uma voz carinhosa e embaladora murmurará aos seus ouvidos:

— “Sim, minha filha !... ouvi a tua prece e vim suavisar o teu martirio, porque tambem tive um filho que morreu ignominiosamente na cruz.”

23 de agosto de 1935.

O TÊTE-À-TÊTE DAS SOMBRAS

Quando ainda no mundo, não me era dado avaliar o “tête-à-tête” amigavel dos Espíritos, á maneira dos homens, apenas com a diferença de que as suas palestras não se desdobram á porta dos cafés ou das livrarias.

E é com supresa que me reúno áqueles que estimo, quando se me apresentam oportunidades para uns dedos de prosa.

Estavamos nós, quatro almas desencarnadas, como se fossemos no mundo quatro figuras apocalípticas, discutindo ainda as coisas mesquinhas da Terra e a palestra versava justamente sobre a evolução das idéias espiritas no Brasil.

— “Infelizmente — exclamava um dos do grupo, projecta figura dessas doutrinas, desencarnado ha bons anos no Rio de Janeiro, — o que infesta o Espiritismo em nossa terra